

Anotações sobre a determinação  
pré-genital da perversão  
Fascinação sexual na observação  
e contato com pés<sup>1</sup>

*Notes on the pregenital determination of perversion  
Sexual fascination in the observation and contact with feet*

---

*Anna Kattrin Kemper*

Minha contribuição ao presente tema baseia-se no seguinte caso clínico:

Trata-se de um homem de 35 anos, casado, com dois filhos. Seu nível cultural é alto, sua sensibilidade e emocionalidade são acentuadas, embora intensamente inibidos. A estrutura básica do paciente o coloca, nosologicamente dentro dos quadros depressivos.

## **I - Dados anamnésicos**

Os pais do paciente são estrangeiros, vivendo desde a adolescência no Brasil. Ambos abraçam uma rígida concepção de vida, fundamentada numa ideologia religiosa. A mãe é descrita pelo paciente como figura apagada, sem iniciativa própria, pouco dedicada às tarefas domésticas; o pai, como “homem de princípios”. O paciente tem um irmão três anos mais velho, obviamente o predileto, pois correspondeu, mais do que ele, às exigências impostas pela visão do mundo dos pais. O paciente, desde o início, foi um filho não desejado. Os pais esperavam uma menina. Além disso, ocorreram logo após o nascimento, dificuldades financeiras na família, que obrigaram a mãe a costurar para fora, numa casa cheia de parentes. Desta forma, teve o paciente, na sua infância, 3 figuras maternas: a mãe, a avó e uma tia, morando na mesma casa desde o seu nascimento. (Este dado biográfico tem muita importância no presente caso).

---

1. V Congresso Psicanalítico Latino-Americano, México - Fevereiro de 1964.

## II - Memórias significativas do paciente para o seu desenvolvimento

O paciente, muito pequeno, observava, horas a fio, o movimento dos pés da mãe pisando o pedal de uma máquina de costura, num quarto em que o paciente não podia entrar. Sempre de novo se referia, na análise, a esta situação, presente em sua infância do primeiro até o sexto ano de vida. Não se lembra da mãe durante a semana dedicando-se a ele. Aos domingos, a comida era preparada por ela como mingau e lhe era dada na boca até o sexto ano. Da avó materna o paciente se lembra como pessoa autoritária, rude. A tia (irmã solteirona da mãe) é lembrada como pessoa seca e convencional. A educação do menino foi pretexto para situações e disputas competitivas entre a tia e a mãe do paciente, que discutiam sobre o que seria certo ou errado com relação aos cuidados dirigidos à criança. Em relação ao pai, a lembrança de sua atitude rigorosa revela de que maneira a teimosia infantil teria sido duramente quebrada por ele, colocando o menino pequeno, que se recusava a arrumar os brinquedos, num quarto escuro, do qual só podia sair quando não chorasse mais e com a promessa de que se comportaria bem.

### Quanto ao contato com outras crianças

O paciente lembrou que só raramente brincava na rua e sempre acompanhado pelo irmão mais velho que evitava – obrigado pelos pais – que ele se ligasse aos moleques, porque podiam dizer palavrões ou provocá-lo para se sujar. O paciente foi, desde o início do tempo escolar, um “outsider” que devia, por ex., estudar piano ou ir à igreja, quando os companheiros de escola brincavam.

### Quanto ao desenvolvimento sexual

O paciente lembrou como se sentiu ridicularizado pelo irmão e pela prima quando falavam, às escondidas, de coisas proibidas. Sabendo que o irmão se permitia certas brincadeiras de caráter sexual com uma empregada da casa, o paciente invejava-o, mas não se arriscava a participar. Sua curiosidade sexual foi de tal maneira bloqueada que ele se dirigiu na idade de 14 anos ao pai, perguntando o que seria uma ejaculação, de que ouvira falar. O pai informou o filho de maneira provocante e perversa. Além das explicações fisiológicas exatas, mostrou ao filho o pênis, não ereto, exigindo que o tocasse. (A iniciativa

inconsciente de aproximação e a resposta de caráter sexual nessa situação, tanto em relação ao filho como em relação ao pai, é óbvia). Dois anos mais tarde o paciente foi vítima de sedução homossexual num papel de “bobalhão”, condicionado por um companheiro muito mais velho. Esta experiência: concreta de tal maneira chocou o paciente que ele, mais do que o fizera antes, passou a fugir do contato com os homens. Das masturbações infantis, o paciente nada se lembrava. Como foi submetido a ameaças de castração, se revelou quando ele, durante a análise, “confessou” que havia feito uma coisa horrorosa referindo-se assim a uma masturbação atual.

### **III - Acontecimento da infância que prenuncia em pormenores a futura perversão**

No sexto ano de vida, o paciente estava atrás de uma prima que comia uma espiga de milho, querendo receber uma parte. A prima não quis dividir com ele o milho e jogou a espiga no chão, pisando-a. O paciente, após observar fascinado as reações da prima, pegou o milho sujo e o comeu com prazer. O prazer de comer frutas pisadas e sujas se repetiu nos anos seguintes com uvas e jabuticabas. No sétimo ano se revelou, pela primeira vez mais concretamente o prazer sexual no contato com os pés, quando a avó (uma das três figuras maternas) empurrou com os pés, de maneira rude, as costas do menino, ação sentida por ele como sensação sexual. Esta sensação se tornou mais evidente quando o paciente, aos 9 anos, brincando – tendo em vista os pés da mãe “pisando na máquina” – pegou os pés grossos e sujos de uma menina e, pela primeira vez, vivenciou como se tivesse tido uma ejaculação.

### **IV - Procura da mãe na mulher**

O paciente sentiu-se “salvo” por uma moça, de seu estado de rebeldia (tempo de estudo fora de casa) descrito por ele como época de paixão por diversos jogos. Ele projetou nessa moça uma criatura meiga e pura e com mais outros aspectos que correspondiam à idealização do quadro materno. A moça adotava a mesma ideologia que os pais, cujo puritanismo lhe proibia, por exemplo, a participação em jogos como sinuca, pôquer, e também a proibia de tomar álcool. Em relação a ela que se tornou sua noiva, intensificou-se a atração pelos pés, mas com uma variação que mostra o contrário da idealização. A fascina-

ção de observar os pés na distância, se modificou em relação à noiva e depois mulher, para uma intensa e concreta procura dos pés, inicialmente quando estavam limpos e mais tarde quando sujos. O paciente se lembrou por ex., de como a noiva após um passeio, esteve de pés sujos, e de como ele fez questão de que ela os pusesse em seu colo, este fato lhe causou intenso prazer sexual. Durante o casamento o paciente procurou sempre de novo situações que lhe possibilitassem aproximar-se dos pés com intenção de prazer sexual.

A mulher do paciente corresponde ao mesmo tipo de mulher que a mãe, com a característica dominadora de maneira clandestina, disfarçada por um aspecto meigo.

## V - Para determinação pré-genital da perversão

A determinação sadomasoquista da perversão (1) (2) e o aspecto estático passivo como parte significativa para o caso presente se evidencia de maneira especial pelas seguintes situações: Com 24 anos, o paciente assistiu a um desastre de ônibus, no qual uma moça morreu. Ela fora para o paciente, durante meses, o objeto desejável, tanto na relação emocional como no aspecto sexual; mas ele nunca arriscara uma declaração aberta de seus sentimentos para com ela. Quando o paciente viu a moça morta, se permitiu a única aproximação íntima possível para ele, isto é, pegou os pés do corpo morto, beijando-os e reagindo com intensa excitação sexual. Trata-se de uma vivência – da qual o paciente se lembrava com muita vergonha, de como se tivesse profanado um morto. Este material ilustra de maneira nítida tanto a expectativa de contato concreto do menino pequeno, que observava horas a fio, cheio de saudades de aproximação, os pés da mãe afastada, como alude também ao ódio e à culpa arcaica.

Reações sádicas de caráter arcaico se manifestam de maneira nítida durante o casamento. Desde o início o paciente pedia à sua mulher, para conseguir a ejaculação, que pisasse em tubos de creme branco e mais tarde em tartarugas pequenas. O paciente conseguiu, por exemplo, um orgasmo intenso quando sua mulher, num dia em que telefonava durante muito tempo para alguém sem qualquer importância especial, pisava de maneira automática numa pequena tartaruga; ação provocada por ele. Trata-se de manifestações que demonstram condições específicas da relação com o primeiro objeto – a mãe ausente estática – que automaticamente “pisava” na máquina.

A fascinação pelas tartarugas pisadas tomou nos primeiros tempos do casamento um incremento tal que o paciente que nunca se permitira ultrapassar

as leis éticas comuns, roubou, numa loja, diversas tartarugas pequenas para garantir o seu prazer sexual. (3) A tartaruga pisada encontra sua pré-história na seguinte situação, também significativa para a relação com o primeiro objeto. No seu primeiro namoro, com 16 anos, exigiu o paciente que a moça estimada pisasse e matasse um besouro grande, fato que lhe trouxe sensações sexuais intensas. Antecipando, podemos já anotar a possibilidade de que nessas relações, o besouro pisado e as tartarugas pisadas representassem, sob o aspecto sádico, a mãe, especialmente a barriga dela, e sob o aspecto masoquista, o próprio paciente. Ambos os bichos de casca dura, simbolizam, vistos sob o aspecto especial, tanto as vivências do menino pequeno que sofreu com uma mãe que não tinha sensibilidade para perceber a saudade do contato epidérmico carinhoso do filho, como a dureza e intensidade de seu ódio mortal contra a mãe ausente, que se evidencia pela execução simbólica (matar os bichos, provocada pelo paciente).

A fixação sádica do paciente transparece na manifestação simbólica, numa mistura de ódio mortal dirigido contra a mãe no plano arcaico, como também do ódio contra ela que não permitia os impulsos genitais no plano edípico, na função onírica.

Texto do sonho: Eu estava sentado numa tábua grande em cima de uma galinha. Ela ficou muito zangada, gritava e tinha uma expressão perigosa e queria se libertar à força. Com raiva me sentia, no sonho, fora de mim – mas fiquei sentado na tábua. Meu peso a prendia e a estraçalhava; afinal ela ficou absolutamente “desmanchada”.

Associações – “Foi um sonho de angústia, estranho que tenha matado uma galinha; gosto delas, especialmente quando estão com pintinhos, guardando-os embaixo da asa. Elas me impressionam na sua preocupação, como mães melhores que as humanas”.

As associações do paciente, como comentários ingênuos – de uma pessoa que conscientemente nada sabe de manifestações simbólicas – falam por si mesmas. O sonho evidencia a rebeldia hostil, mortal, reprimida pela manifestação do contrário, a submissão, num padrão típico da conduta do paciente, desde a primeira infância. Segundo minha experiência pude encontrar esse padrão típico, especialmente em alguns casos de manifestações perversas, por ex. fixação homossexual de caráter passivo e num caso de voyeurismo. L.C. Kuiper (4) em termos globais, define a submissão através das seguintes formulações: “submeter-se para ser afirmado”, “trata-se de homens que querem encontrar em todas as suas relações a dedicação materna”, “eles procuram nas relações heterossexuais a mulher fálica”. (5)

Tais concepções encontram no presente caso uma confirmação absoluta. Por ex. o paciente ajudava sua mulher, dando banho ou comida aos filhos, não só excepcionalmente, e fazia também compras de modo constante para a casa, esperando que a mulher ficasse satisfeita. No campo profissional, o paciente evitava também críticas e protestos para ser bem recebido e afirmado. A intenção de encontrar a dedicação materna manifestou-se de maneira nítida na relação com sua mulher. Se esta se afastava, de maneira fria, o paciente, numa atitude infantil, repetia-lhe sempre que necessitava de dedicação carinhosa. A procura da mulher fálica se prova de maneira nítida pelo fato de que a mulher do paciente o dominava sob diversos aspectos.

A fixação sadomasoquista do paciente se revela também no seguinte acontecimento: Entre nove e dez anos ele observara como um criado de uma fazenda foi surrado porque tinha feito clandestinamente um passeio a cavalo. O dono da fazenda reagiu – segundo as vivências do paciente – com ódio tão cego que surrava o criado e o cavalo. Na identificação dupla, tanto com o criado e o cavalo como também com o “surrador”, o paciente sentiu ao presenciar essa cena cruel, uma sensação sexual intensa.

As determinações arcaicas da perversão no presente caso se revelaram no décimo primeiro mês da análise, numa forma nítida, pelos seguintes fatores: na hora de análise anterior ao sonho, em seguida relatado – especialmente significativo para a condição básica da fixação a pés – o paciente se lembrou da sensação sexual quando a avó lhe empurrava as costas com os pés. Na sessão seguinte, o paciente comunicou que fizera anos no dia anterior e como sofrera de solidão e de abandono. Sua mulher estava fora, ele esperava que a mulher ou a mãe lhe telefonassem. Mas, o único telefonema que recebeu foi de uma tia. Ao lembrar-se dos parabéns formais da tia, o paciente comunicou que essa tia foi, desde o início de sua vida, uma das três figuras maternas. Até então o paciente falara apenas da mãe e da avó. Cheio de decepções e frustrações graves o paciente planejou no dia do aniversário encontrar-se com um amigo, cuja mulher representava para ele o quadro materno idealizado, mas os pés dela o atraíam intensamente de maneira sexual. O paciente imaginara se seria possível, num canto, observar os pés da mulher do amigo para sentir algo de agradável. Nessa relação, disse ele – “tinha uma saudade louca dos pés”. Por um fator imprevisto se desfez o planejado encontro. Sofrendo de abandono completo o paciente caiu numa depressão intensa. Nessa noite teve o seguinte sonho: “Estive com três mulheres, senti uma fome louca de pés. Da primeira, que lembra a A., tomei conhecimento dos pés sujos. As duas outras mulheres (percebidas como corpos completos) ficavam difusas. Depois de agarrar os pés da

primeira, mudei para os pés das outras e como num êxtase, chupei, comi, mor-di, engoli aqueles pés, mudando de uma para outra. Minha voz ficou rouca. Acho que sonhei a noite toda, foi como se o sonho se repetisse de novo.

Associações: “A primeira mulher me lembra A., uma síria, ajudante da minha mãe no tempo da costura (primeira infância); era uma moça feia, cheia de cicatrizes; ela lembra a R (uma colaboradora profissional), uma síria feia, gorda e avarenta, que sempre quis obter tudo gratuitamente.

A seguinte análise do sonho pode evidenciar, em diversos pormenores, as determinações arcaicas da perversão do presente caso.

“Estive com três mulheres”, reflete a situação da primeira infância do pa-ciente (ele tinha três figuras maternas).

“Da primeira tomei conhecimento só dos pés sujos”, aqui se manifesta a partir das associações feitas em torno da primeira figura (moça feia, síria, ... etc.) de que maneira o paciente desidealizando a figura materna, se permite possuir uma parte dela, fato que já se revelara anteriormente na atração do paciente pelos pés de sua mulher.

“As outras duas mulheres ficaram difusas” (o paciente não podia associá-las com quem quer que fosse. Este trecho do sonho mostra de que maneira as figuras maternas, por sua constelação especial, eram confundidas e sentidas como vagamente existentes. O fato de serem (as outras duas mulheres percebi-das como corpos completos corresponde a uma necessidade de defesa) no sen-tido de separar os pés sujos de corpos totais. “Depois de agarrar os pés da primeira mudei para os pés das outras”. Aqui se torna evidente como as defesas de idealização e da dissociação não funcionavam mais. O fim do sonho: “Numa sensação de êxtase me agarrei aos pés, chupei-os, comi-os, engoli-os e mordi-os, mudando de uma para outra”, revela mais uma vez a constelação de três figuras maternas e prova de maneira nítida a determinação oral-canibalesca da perversão do paciente.

As sensações “minha voz ficou rouca, acho que sonhei a noite inteira, foi como se o sonho se repetisse, sempre de novo”, exprimem a intensidade do tema e especialmente a voracidade arcaica em vigor.

A voracidade projetada no plano transferencial se manifestou na comuni-cação feita pelo paciente imediatamente após o relato do sonho de que estava num dilema monetário e que temia não poder suportar o alto custo de vida (da análise). Essa comunicação revela que eu fui identificada com a síria avarenta (vejam-se as associações em torno da primeira mulher no sonho). A acumula-ção de vivências de abandono, remobilizadas pelo sentir-se só e longe de mim, em casa, no dia do aniversário, provocou esse sonho que, em seguida, como

postos-chave da análise, permitiu, pela primeira vez, de maneira intensa, a lembrança sentida.

O paciente ficou, em seguida ao sonho, durante cinco ou seis semanas numa remobilização difusa de sensações e imagens remotas. Por exemplo, revivenciava ele a saudade de contato epidérmico da criança pequena na aproximação sexual com sua mulher, vivida como um bem-estar em sentir os corpos completos em ligação profunda, estado descrito pelo paciente como orgasmo epidérmico. Nas repetições dessas vivências, o paciente devia gritar de prazer no início da ejaculação, o que antes nunca acontecera. Na situação de êxtase, sentiu como disse expressamente – a necessidade de berrar de maneira louca. Por estar fora de si, o paciente não sabia se berrara ou não “mamãe”, mas ele ouviu depois de sua mulher que num tom gutural de voz, confundira seu próprio nome (esposa) com a palavra “mamãe”.

As frustrações graves sofridas no contato epidérmico com o primeiro objeto, evidenciada na análise através dessa fase de reaproximação do objeto perdido, se revelaram antes de maneira drástica na dedicação exagerada do paciente a animais peludos. Ele se ligou ao seu cachorro como se fosse o seu objeto querido, tratando-o com mais carinho do que aos próprios filhos pequenos. A mesma ligação exagerada o paciente manifestou para com seus coelhos. Quando eles morreram depois de uma doença grave, reagiu desesperadamente como se tivesse perdido objetos insubstituíveis.

Nas relações do paciente com os animais peludos se revela um aspecto autístico que prova de maneira especial suas frustrações graves sofridas no contato epidérmico com o primeiro objeto.

Através da transferência produtiva, aproveitada por mim para permitir a revivência do que houve em tempo remoto e possibilitar a percepção do que havia no contato novo, resultou também a diminuição da necessidade de procurar o contato com pés. A atração pelos pés, a tal ponto intensa no início da análise, ao ponto de o paciente correr o risco de perder o controle do seu carro quando via pés atraentes, modificou-se radicalmente no fim do primeiro ano de tratamento. Já aí era possível ao paciente gozar o aspecto estético dos pés, com leves sensações sexuais ou mesmo sem elas.

## VI - Conclusões

A concepção da determinação prevalentemente pré-genital da perversão encontra no presente caso plena confirmação. O presente material permite con-

siderar os distúrbios graves do contato epidérmico não só como parte básica das fixações orais, como também oferece o ponto-chave para a compreensão das manifestações perversas do paciente.

Percepções feitas no contato epidérmico são, a meu ver, mais primitivas do que outras percepções remotas. Acho que o sentir-se concreta e carinhosamente recebido, já no estado pré-natal corresponde a uma concordância primitiva (6) que se estabelece, por exemplo, se a mulher grávida possibilita ao feto uma posição boa, um bem-estar garantido pela musculatura do abdômen, que dá espaço e apoio natural para sua acomodação. A mesma concordância primitiva se exprime no estado pós-natal quando, por exemplo, a criança pequena na sua necessidade de encostar-se, encontra mãos, braços, seios e colo materno em disposição carinhosa, firme, que transmitem no contato epidérmico uma atmosfera convidativa para sentir-se aconchegada à mãe. (7) (8) (9).

As diversas constelações de atmosferas traumatizantes nas percepções e vivências primitivas (10) e seus consequentes distúrbios de contato epidérmico se refletem tanto no material pré-histórico como nas manifestações sintomáticas do paciente.

Repetimos: O paciente foi o menino não desejado e rejeitado especialmente pela seguinte situação específica: Os pais sofreram logo depois de seu nascimento uma crise monetária, aproveitada pela mãe para se mostrar capaz de contribuir materialmente para a vida da família. A situação complicou-se emocionalmente para a criança em virtude da constante presença na casa da avó e da tia. A mãe se transformou naquele tempo de uma esposa de acadêmico em uma costureira de cidade pequena. Nessa situação, o paciente foi exposto aos cuidados da avó e da tia. Podemos imaginar que no estado pré-natal já submetia o paciente a uma ameaça existencial, porque a crise monetária se renunciara antes do seu nascimento; ameaça que se intensificou a partir das vivências vagas feitas pela pequena criança em torno das três figuras maternas, que a rodeavam e lhe ofereciam cuidados. A mãe era percebida pelo paciente como afastada e só raras vezes presente. A avó e a tia a ele se dedicaram por obrigação – como transpareceu pelas comunicações diretas e indiretas feitas durante a análise – e, o que é ainda pior, por competição transformaram esse servir obrigatório, em mimo.

Que a condição remota da perversão corresponde, no presente caso, às frustrações graves no contato epidérmico se deixa concluir também partindo de pormenores das reações perversas. O paciente, por exemplo, acariciava os pés, encostava-os ao rosto, beijando-os ou gozando-lhes o cheiro na mobilização sexual. A carência de contato na relação com o primeiro objeto, se eviden-

cia de maneira drástica nas situações em que o paciente levava sua mulher que conversava ao telefone, ou se estivesse lendo, a pisar numa tartaruga pequena; como nas ocasiões em que tinha também intenso prazer sexual, se sua mulher, lendo, isto é, de certa maneira ausente – deixava-o mexer em seus pés. O último material evidencia nitidamente tanto a posição da mãe afastada como também a relação parcial do contato epidérmico.

A determinação arcaica das manifestações perversas do paciente se revela de categoria oral-canibalesca no segundo sonho (“como num êxtase me agarrei aos pés, chupei-os, mordi-os, engoli-os e os mordi”). As sensações durante o sonho não eram sentidas como sexuais; elas correspondiam a uma intensa voracidade de caráter oral.

A seguinte atitude do paciente mostra sua frustração e fixação orais: ele se submetia pela exigência ideológica dos pais à proibição de fumar; quando viveu fora de casa se permitiu, com culpa, fumar.

Sua mulher, fazendo parte da mesma seita ideológica dos pais – viu também no fumar um vício. Assim, o paciente se permitia só de vez em quando alguns cigarros, se ninguém pudesse controlá-lo; mas nas situações da crescente angústia, antes do início da análise, ele fumava também em casa. Desde a quarta semana do tratamento, o paciente tinha necessidade obsessiva de andar sempre com dois maços de cigarros, sentidos como garantia. Diversas vezes falou ele, na análise em chupar cigarros em vez de fumar. A necessidade obsessiva de garantia, expressa de maneira simbólica (necessidade de estar com dois maços) bem como o ato falho significativo, evidenciam o aspecto oral dos cigarros no presente caso.

O presente material torna evidente que as sensações epidérmicas nas suas condições primárias – intenções carinhosas – podem ser submetidas a uma plena sexualização (Fairbairn (11) fala de “Des-afectivação da relação objetal”). Isto se revela, por exemplo, no grito “mamãe!” que o paciente exteriorizou no contato sexual com sua mulher – (significado expressamente por ele como orgasmo epidérmico). Esse fato exprime uma elaboração e uma revivência das condições primárias de seu distúrbio sexual, em termos de uma reaproximação do objeto materno ao qual fez uma entrega epidérmica, havendo uma aproximação entre carinho e sexualidade. O deslocamento de sensações epidérmicas – sua sexualização – se manifestava já no sétimo ano do paciente, quando a avó lhe empurrava as costas com os pés, fato sentido por ele como prazer sexual, condicionado pela posição masturbatória em seguida tratada.

Considerando a sexualização do contato carinhoso como função substitutiva me permito uma conclusão que deriva do desenvolvimento motor. Como

sabemos, sofre a criança recém-nascida em comparação com os animais elevados (recém-nascidos), uma dependência absoluta, existencial (12). No seu desenvolvimento motor a criança conquista só pouco a pouco seu corpo. A primeira dominação óbvia da criança se mostra no fato de colocar ela o polegar perto da boca, para chupá-lo, dependendo de maiores ou menores frustrações por ela sofridas. No crescente desenvolvimento motor a criança alcança na conquista de seu corpo, também o grande artelho. Com as iniciativas de pegá-lo ou às vezes chupá-lo se estabelece uma posição corporal, que – como se deixa imaginar – provoca sensações intensas nas zonas erógenas. A confirmação dessa concepção veio dois meses depois de ter escrito o esboço do presente trabalho. O paciente comunicou-me ter até os dezoito anos chupado o grande artelho – embora fosse extremamente difícil fazê-lo – com intensas sensações masturbatórias.

Com o crescente desenvolvimento da perversão, os pés dos objetos desejáveis ganharam para o paciente o mesmo significado valioso dos próprios pés, no tempo da autossatisfação masturbatória. Ouvimos que o paciente encostou os pés da mulher no rosto, beijou, chupou os dedos para conseguir satisfação sexual. Que a determinação narcísica (13) ficou, porém em vigor em plena perversão evidencia-se pelo fato – já considerado sob um aspecto correspondente – de que o paciente, ao interessar-se pelos pés das mulheres, delas se distanciou como totalidades corporais. A “distância autística” se torna bem óbvia no presente caso. O paciente autisticamente distanciado tinha um prazer sexual fora do comum quando a mulher telefonando ou lendo revistas, isto é, emocionalmente ausente, lhe permitia manipular os seus pés.

Levando-se em conta as frustrações graves sofridas no contato epidérmico, cujas consequências se revelam em especial, através da posição masturbatória (chupar o grande artelho), podemos imaginar que o paciente, já na primeira infância, procurava satisfações excessivas de caráter autístico, que condicionaram o desenvolvimento sexual precoce e conseqüentemente a sexualização de necessidades emocionais inibidas. Encontramos não poucas vezes, de maneira óbvia, a sexualização como função substitutiva, por exemplo no caso do homem que necessita provar sua potência de maneira narcísica em frequentes relações sexuais para negar as lacunas e limites graves de sua vida emocional. Ou no caso da “prostituta de salão” que necessita a aprovação constante de sua vaidade fria e narcísica com que fascina os homens apenas através de atrações físicas.

Queremos também lembrar como mais um aspecto decisivo para a determinação de desvios sexuais as ameaças de castração que se evidenciam de for-

ma nítida no presente caso (14). O paciente não se lembrava, por exemplo, de masturbações infantis. Esse fato, como também sua angústia de “confessar” durante a análise, uma masturbação atual, permitem concluir que ele fora vítima de ameaças graves quanto à masturbação já em idade remota, que se revelaram de modo drástico em sonhos e representações de imagens arcaicas da castração.

Sob o aspecto da determinação sadomasoquista da perversão no presente caso – Tanto as atitudes extremamente passivas do paciente, expressas na primeira infância pelo costume de fixar durante horas e horas os pés da mãe afastada, esperando algo, como a atitude da mãe que não se dedicava a ele durante a semana mas o mimava aos domingos, dando-lhe a comida na boca, em forma de mingau, deixam compreender que o paciente conseguiu conservar um determinado contato nas relações objetais através de comportamento infantil especialmente manifestado pela submissão, que encontra sua determinação principal nas fixações masoquistas.

A submissão foi intensificada no presente caso, em relação ao pai. Por exemplo – como já anotamos – quando a rebeldia normal do menino pequeno, que não queria arrumar os brinquedos, era bruscamente interrompida pelo pai, que o fechava num quarto escuro com a exigência absoluta de pedir perdão, isto é, de se submeter à força maior. Trata-se de uma situação tão significativa que serve como “situação modelo”, e permite imaginar outras reações correspondentes ao aspecto de causa e consequência no desenvolvimento do paciente. O pai, apesar de seus métodos drásticos de educar o filho, ofereceu-lhe também uma aproximação e identificação libidinosas, que contribuíram para sua fixação homossexual. Isto fica evidente na exigência feita pelo pai de que o menino lhe tocasse o pênis, quando este lhe perguntou o que era uma ereção.

Uma mistura de sensações orais-masoquistas manifestou o paciente de maneira óbvia já no sexto ano quando estava atrás da prima para dividir de uma espiga de milho, comendo o resto pisado e sujo com intenso prazer. A ocupação libidínica de caráter sadomasoquista se revela tanto pelo símbolo fálico da espiga, como pelo fato de o paciente, falando mais uma vez desse acontecimento que muito o impressionara, lembrou ter tido na infância sensações sexuais fortes, quando imaginava que alguém era punido com pancadas no pênis. (15). Esta comunicação que encontra mais uma afirmação pelo já citado material do paciente, de sensações sexuais, em vista de uma cena de quando o dono da fazenda surrava tanto o criado como o cavalo.

Consideração de conteúdos simbólicos no interesse da compreensão de manifestações arcaicas do paciente.

No presente caso – como em todos de determinações principais no plano arcaico – encontramos manifestações simbólicas, que para serem compreendidas, exigem a tradução do conteúdo manifesto para o conteúdo latente do símbolo. A compreensão das manifestações simbólicas se baseia principalmente na concepção de que o sujeito, no símbolo, se confunde com o objeto, (16) ou de que simbolicamente, a parte pode representar o todo – (*pars pro toto*). Estes aspectos simbólicos são frequentemente usados para exprimir a relação do sujeito com o primeiro objeto.

Vemos por exemplo, na atração e na fome sexual do paciente pelos pés um reflexo simbólico de sua situação infantil de carência emocional diante da mãe distante, e da expectativa de encontrar nos pés maternos (*pars pro toto*) o contato emocional do qual tinha fome. A relação parcial do objeto representa uma defesa contra a impossibilidade – de sentir na mãe, devido à falta de afeto, um objeto total. A parte (os pés) passou a substituir e simbolizar o todo (mãe total). A fascinação pelos pés se baseia na nossa concepção do presente caso primariamente muito mais a uma expectativa frustradora e decepcionante de contato emocional do que a atividade libidinosa instintiva.

A determinação múltipla do símbolo (17) pé no material do paciente, pode ser também clarificada através dos significados populares que a palavra tem, em vários idiomas. Existe, por exemplo, a expressão “tomar pé” ou “pegar pé” como equivalente de adquirir de segurança e este significado, no material do paciente, exprime o seu esforço no sentido de poder aproximar-se do objeto materno, negando os seus aspectos vagos e pouco tranquilizadores. Vista sob o aspecto simbólico, a perversão do paciente exprime, através do agarrar-se aos pés das mulheres (tomar pé), sua profunda insegurança, derivada de suas fixações pré-genitais.

A concepção simbólica permite ver no primeiro sonho “estava sentado numa tábua grande em cima de uma galinha...” afinal ela ficou absolutamente “desmanchada” o ódio à mãe-galinha, que o protegeu mal. Manifestações de ódio arcaico, como consequência de frustrações graves no contato epidérmico transparecem de maneira simbólica também no gozo sádico do paciente, quando exigiu que a primeira namorada e a esposa pisassem e matassem bichos de casca grossa, besouros e tartarugas, que simbolizavam no presente caso, como já anotamos, a mãe ignorante, que não ofereceu o calor de braços e mãos (asas) – protetoras. Com a ajuda do símbolo – “galinha” – o paciente exprimiu (no sonho) seu ódio arcaico. A palavra “galinha” na linguagem popular pode exprimir intensa agressão, mas com uma diferença de aplicação. Se o adulto usa o palavrão “galinhagem”, ele se refere de maneira simbólica ao as-

pecto sexual; enquanto a criança liga o palavrão – “puta”, em geral anexado como uma palavra de caráter nitidamente anal, quase exclusivamente à agressividade arcaica.

Manifestações simbólicas de caráter autístico, o paciente expressou em relação com os animais peludos. Ele tratava seu cachorro como o objeto mais querido. Os coelhos eram também para o paciente, objetos muito estimados. Tanto a dedicação excessiva aos animais peludos como a liberdade absoluta que o paciente oferecia a seu cachorro refletem uma “identificação simbólica” com seus animais. O paciente, identificando-se com eles vivenciava, de maneira projetiva-simbólica aquilo em que fora frustrado na sua infância. Nesta concepção os coelhos tão estimados, com seu pelo simbolizam tão propício à satisfação dos anseios de contato epidérmico, os desejos válidos do paciente de ser o pequeno filho de uma mãe meiga, na relação primitiva. No amor autístico do paciente aos animais peludos transparece, na compreensão simbólica, especialmente sua nostalgia de contatos epidérmicos suaves e tranquilos. A riqueza de manifestações simbólicas do paciente se revela também num sonho do décimo mês da análise e na ação concreta que do sonho decorreu.

Texto do sonho – Estava numa paisagem deserta, sem orientação. Sentia-me perdido, mas via, no horizonte, uma árvore. Caminhando nessa direção, encontrei um caminho cheio de buracos e lama, mas parecia dar em alguma saída.

Na hora que o paciente relatou o sonho trouxe quatro abacates colhidos no seu pomar. Encabulado, como sentindo vergonha, disse que necessitava trazer os, abacates porque ele ao colhê-los associou-os a mangas, frutas de chupar, de todas as mais gostosas. A avaliação simbólica da situação transferencial expressa no sonho como no presente, permite-nos notar como os símbolos se modificam. Ao invés de “galinha estraçalhada” do sonho de oito meses atrás usa agora as árvores e os frutos como símbolo do encontro de uma saída para sua carência de amor. Comparada à associação de mangas como frutas mais gostosas (seios) para chupar do que outras, com o sonho das três mulheres (chupar, engolir e morder os pés, no dia do aniversário, 6 meses atrás) podemos verificar também na compreensão simbólica uma modificação que possivelmente prenuncia a libertação da fixação perversa dos pés.

Embora considere que os diferentes aspectos indicados neste trabalho tenham um caráter provisório, de primeira aproximação ao tema da determinação pré-genital nas perversões, creio poder formular as seguintes conclusões: Os distúrbios das fases pré-oral e oral se revelam, no presente caso, como determinantes básicos na estruturação da perversão (18). Não se manifestaram

durante a análise problemas sérios ligados à fixação anal, em geral considerada como a principal fonte da qual decorrem as perversões. (19) Por outro lado, o conceito de Erikson (20) (21) de “*Urvertrauen*” – confiança em sua origem mais primitiva – por ele considerado como decisivamente importante para o desenvolvimento infantil, mostrou-se central no caso presente, e dele recebe plena confirmação. A concepção de Erikson valoriza predominantemente a qualidade das vivências atmosféricas feitas pelo recém-nascido e pela criança em seus primeiros estágios evolutivos. É esta qualidade atmosférica da relação que vai ou não permitir que a criança possa confiar de maneira primitiva nos seus objetos.

No presente caso clínico, consideramos que as condições básicas a partir das quais se estruturou a perversão, derivaram centralmente de graves distúrbios no contato epidêmico, vivenciados através de percepções e sensações traumáticas. A neurose do paciente demonstra de que forma a carência de aconchego materno – mãos e braços pouco cálidos e pouco protetores – bem como a correspondente falta de dedicação epidérmica tranquila e carinhosa, associada a seios pouco dadivosos, diminuem e bloqueiam a confiança necessária e indispensável ao estabelecimento, em nível maduro, do contato global e profundo nas relações objetais.

O material do presente caso também poderia ilustrar de que maneira uma sintomatologia obviamente sexual lança suas primeiras raízes em distúrbios das fases pré-genitais. As conclusões derivadas do caso clínico por nós exposto permitem levantar a hipótese de que todas as estruturas neuróticas, em grau maior do que até agora se tem considerado possam basear-se principalmente em distúrbios sofridos nos primeiros meses de vida. Anotação posterior – Após 18 meses de análise, o paciente reagiu com nojo à satisfação sexual parcial com os pés, e só raramente passou a ter necessidade de buscá-la. Não se mostrou, além disto, qualquer indício de substituição do objeto perverso, o que nos permite supor que a perversão possa ser superada no caso presente num tempo não muito longo. Ao mesmo tempo, pôde-se notar, do paciente, uma capacidade crescente de estabelecer contatos emocionais.